

**TRABALHO IMATERIAL, TEATRO CONCRETO:
QUESTÕES ACERCA DA CRIAÇÃO CÊNICA COMO PRODUÇÃO**

ANDRÉ LUIZ LOPES MAGELA

Mestre em Artes Cênicas pela UNIRIO e professor de teatro.

Resumo: Este artigo tece analogias entre componentes políticos de certos tipos de trabalho teatral abordados por Hans Thies Lehmann (LEHMANN; 2003) e o conceito de *trabalho imaterial* (LAZZARATO & NEGRI; 2001). Analisando conquistas obtidas por trabalhadores anteriormente desvalorizados no sistema laborativo global, pondera-se sobre modos de incentivo a formas ainda não consolidadas de trabalho teatral.

Palavras-chave: teatro político, trabalho imaterial, teatro e saúde mental

**IMMATERIAL WORK, CONCRETE THEATRE:
QUESTIONS ABOUT SCENIC CREATION AS PRODUCTION**

Abstract: This article makes analogies between political components of certain types of theatrical work made by Hans Thies Lehmann (LEHMANN; 2003) and the concept of *immaterial work* (LAZZARATO & NEGRI; 2001). It analyzes the conquests of workers beforehand depreciated in the global work system, considering conceptive manners to encourage forms not yet consolidated of theatrical work.

Keywords: political theatre, immaterial work, theatre and mental health

Hans Thies Lehmann, em *Teatro pós-dramático e teatro político* (LEHMANN; 2003), retoma temas e elaborações por ele já desenvolvidos em seu livro *Teatro Pós-dramático* (LEHMANN; 2002), mas direcionando a atenção para o teor político dos eventos cênicos por ele abordados. Semelhantemente a outros pensadores - como Walter Benjamin ou Jacques Rancière - Lehmann enfatiza de diversas maneiras que o teatro é político não pelas questões que aborda em seu conteúdo explícito, mas por alterar ou propor “a forma de percepção das questões políticas, (...) a forma como se vai conseguir alterar essas fórmulas de percepção que estão dadas” (LEHMANN; 2003: 9). Lehmann refere-se a performances e a formas de trabalho alternativas aos modos tradicionais de se fazer



teatro, nas quais grupos possam “*a partir de configurações e situações diferentes, fazer uma reflexão política e um teatro político*” (LEHMANN; 2003: 13). Tais modos de trabalho compõem e/ou contêm dentro de si relações com a produção em rede, em que diversas ordens sociais estão em jogo e onde um sentido ético de responsabilidade, principalmente por parte do espectador, é posto em questão.

A problemática da relação entre fruição e produção de obras artísticas não é nova. Walter Benjamin, a quem Lehmann se refere, já tematizava o componente político e revolucionário de obras artísticas (BENJAMIN; 1996) ao invocar um espectador que não seja um mero consumidor da obra, mas também um produtor, num “*aparelho*” que é “*tanto melhor quanto mais conduz consumidores à esfera da produção, ou seja, quanto maior for sua capacidade de transformar em colaboradores os leitores ou espectadores*” (BENJAMIN; 1996: 132). Lehmann, citando uma leitura teatral integral e contínua da *Iliada* de Homero, afirma que “*nesse tipo de apresentação, o espectador é imbuído de uma responsabilidade por aquele processo. (...) Uma situação como essa é como uma situação política*” (LEHMANN; 2003: 13).

Lehmann refere-se também ao pensador italiano Toni Negri e sua proposta conceitual de multidão (HARDT & NEGRI; 2005) – Lehmann refere-se a multidude -, aludindo a práticas de trabalho de grupo e redes sociais múltiplas que podem ser “*mais efetivas, e mais possíveis*” (LEHMANN; 2003: 18). Afinados com Lehmann, podemos supor que estas formas alternativas de produção teatral, de trabalho teatral, têm um potencial de transformação política com um grau relevante de pertinência em relação ao momento contemporâneo e suas múltiplas configurações. Nos interrogamos, então, sobre um ferramental teórico que possa esmiuçar estas manifestações cênicas e seus modos de produção numa perspectiva social. Mais do que capturar conceitual e categoricamente estas práticas, estas construções teóricas podem abrir caminhos epistemológicos que permitam melhor acolher estas propostas, aproveitando melhor seu potencial de transformação.



Toni Negri, junto a outros pensadores que analisam o operaísmo italiano, se agrega à proposição do conceito de *Trabalho Imaterial* (LAZZARATO & NEGRI; 2001) para melhor compreender as transformações no sistema de trabalho e exploração do capital deflagradas nos anos 60 e 70, situação que, segundo estes pensadores, encontra-se atualmente consolidada. O trabalho imaterial consiste em toda uma rede de comunicação e de relações sociais que no sistema *taylorista* de produção eram relegadas a planos secundários e que assumiram, no período pós-industrial, importância cada vez maior. Trata-se, por exemplo, dos serviços dirigidos ao cliente, da produção audiovisual, da moda, do gerenciamento no sentido mais genérico, da publicidade, etc. O trabalho imaterial é composto por, e compõe, novas relações de produção-consumo e novos quadros ideológicos onde “*a produção de subjetividade cessa, então, de ser somente um instrumento de controle social (pela reprodução das relações mercantis) e torna-se diretamente produtiva*” (LAZZARATO & NEGRI; 2001: 46-47). O rompimento de fronteiras entre autor e receptor ou entre produtor e consumidor é um ponto flagrante neste sentido.

É preciso esclarecer que estas transformações não são meras capitalizações das relações sociais; pelo contrário, elas sintomatizam a necessidade de socialização das relações capitalistas. Tentar perceber as relações de consumo no que elas têm de produtivo não é ‘edulcorar’ ou ‘glamourizar’ o consumo. É uma tentativa de abordá-lo de uma maneira pertinente em tempos contemporâneos, sob a constatação de que a ‘mercadorização’ é um fenômeno mais abrangente do que poderia desejar quem simpatiza com a necessidade de resistência à capitalização das relações humanas, inclusive do teatro. Na esteira de Negri, quando este diz que “*hoje parece que não há mais um fora*” (NEGRI; 2003: 90), faz sentido a idéia em que seja de dentro destas relações que transformações e melhorias - a política, enfim - devam se dar. Mesmo que as formas de trabalho imaterial possam sofrer captura, mistificação e exploração pelo capital, suas inovações podem criar



brechas. Estas novas configurações de forças, com *“elementos criativos, de inovação, (...) estritamente ligados aos valores que somente as formas de vida produzem”* (LAZZARATO & NEGRI; 2001: 52), podem ser aproveitadas como transformadoras e desestabilizadoras de modos consolidados de exploração pelo capital.

O trabalho imaterial ainda é explorado de modo selvagem, como no caso dos trabalhadores autônomos (e os artistas se incluem nisso) e na perda, que tem progressivamente ocorrido, de conquistas trabalhistas históricas. E ainda percebe-se a predominância da vida que expropria as forças vitais e intelectuais num cotidiano exaustivo. Entretanto, principalmente por suas características de multiplicidade, ele (ainda) consegue escapar à captura e assimilação pelas formas mais limitantes do capital. Mas, se assumimos que nestas instâncias aqui abordadas *“o principal fator produtivo é uma cooperação social que precede a relação de capital”* (COCCO; 2009: 4), a preeminência da *“potência da vida”* às relações mais situadamente exploradas é possível, uma vez que *“a vitalidade social, quando iluminada pelos poderes que a pretendem vampirizar, aparece subitamente na sua primazia ontológica”* (PELBART; 2007: 58).

Este quadro referente ao trabalho imaterial não parece ser muito diferente daquele que propõe ou percebe Lehmann nas propostas de trabalho teatral político, onde *“muitos grupos que fazem teatro não apenas fazem teatro”*, onde *“a prática artística, a arte, ou a estética, continuam sendo questões importantes mas não mais o centro”* (LEHMANN; 2003: 14). Trabalhos teatrais com formas diferentes de relação com a produção propõem novas formas de relação com a realidade, efetivamente operando, assim, seu componente político de maneira transformadora. Mas, para a inserção destas maneiras de produção teatral no âmbito produtivo cênico mais abrangente, é necessária uma mudança no conhecimento tácito que acolhe ou recusa iniciativas teatrais de acordo com o enquadramento, ou não, delas no que seja previamente considerado ‘trabalho cênico’. Esboçando uma analogia, notamos que, segundo Lazzarato e Negri, para a legitimação do



trabalho imaterial também foi e ainda é necessária uma virada epistemológica: “*a atividade do trabalho imaterial nos obriga a colocar em discussão as definições clássicas de ‘trabalho’ e ‘força de trabalho’*” (LAZZARATO & NEGRI; 2001: 49). De certo modo, o “imaterial” é aquilo que, numa dada situação, ainda não tem sua concretude reconhecida. O conceito de trabalho imaterial se mostrou como uma valorização contemporânea de formas alternativas e tradicionalmente desvalorizadas de trabalho, excluídas do acolhimento social e se defrontando com riscos sem seguranças que as protejam minimamente. Podemos então assumir que, mais do que apenas perceber similitudes entre o teatro e o trabalho imaterial, as analogias entre estes campos de saber nos beneficiam de outras maneiras, pois as reflexões já tecidas sobre estes fenômenos consolidados contribuem para percepções e elaborações conceituais necessárias às práticas teatrais.

Agregando ao teatro as considerações sobre o trabalho em geral e direcionando a atenção para relações de trabalho diferentes das já consolidadas no sistema de produção cênica, talvez a noção de trabalho imaterial, historicamente já mais elaborada, possa espessar e potencializar incentivos a estes outros modos de se fazer teatro, de se trabalhar com teatro. É preciso também notar que a constatada aceitação e crescimento de importância do trabalho imaterial é um alerta de que é necessária uma abertura maior e um olhar mais atento às manifestações teatrais que ainda não possuem um suporte e condições favoráveis (e talvez necessárias) para seu efetivo florescimento.

Um exemplo deste tipo de atividade são os grupos teatrais atuando em ambientes ou situações psiquiátricos. Nestas iniciativas, a questão psiquiátrica ainda influencia, diversificada, porém profundamente, os modos pelos quais os processos e os resultados criativos se dão. Mas a questão da saúde mental não precisa ser a tônica do trabalho, muito menos o fator mais influente em tudo que uma iniciativa deste tipo produz. A produção de subjetividade, a proposta de se produzirem novas formas de vida e novos critérios avaliativos do trabalho cênico, bem como do trabalho em geral, podem também ser aquilo



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

que move e permeia o trabalho destes grupos. Um caso específico significativo, até por já portar um grau de êxito neste sentido, é a companhia teatral paulista Ueinz. O trabalho da Companhia Ueinz e seus processos questionam conhecimentos tácitos de avaliação do trabalho teatral, propondo formas alternativas de produção teatral e de recepção de espetáculos teatrais (MAGELA; 2010).

Mas talvez seja necessária, por parte da sociedade, da mesma maneira que ocorreu com o trabalho imaterial, uma flexibilização maior de critérios de aceitação do que seja considerado como trabalho cênico. Assim, outros tipos de produção teatral, com suas qualidades outras, serão percebidos como pesquisas de linguagem que são, e como propostas importantes de alternativas às relações de trabalho e modos de produção mais comuns e até hegemônicos no teatro. Desta maneira, sua atual imaterialidade poderá ser aproveitada em sua ‘concretude’ produtiva.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BENJAMIN, Walter.** *Obras Escolhidas I - Magia e Técnica; Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- COCCO, Giuseppe.** *A riqueza dos pobres contra a pobreza dos ricos*. In: *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo: Instituto Pólis, abril de 2009.
- HARDT, Michael & NEGRI, Antonio.** *Multidão – Guerra e democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LAZZARATO, M. & NEGRI, Toni.** *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LEHMANN, Hans-Thies.** *Le Théâtre Postdramatique*. Paris: L’Arche, 2002.
- , *Teatro pós-dramático e teatro político*. In: *Sala Preta*, v. 3. São Paulo: USP, 2003.
- Magela, André Luiz Lopes.** *A Companhia Ueinz e a profanação da cena teatral*. Dissertação de Mestrado em Artes Cênicas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- NEGRI, Antonio.** *5 lições sobre Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PELBART, Peter.** *Biopolítica*. In: *Sala Preta*, v. 7. São Paulo: USP, 2007.

Recebido: 16/03/2010

Aceito: 25/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br